

FERNANDO BARROS

Quem zela por ti, Brasília?

No princípio, eles eram muito parecidos, quase iguais. Na geografia do mundo político, cruzavam meridianos e paralelos em algum ponto da centro-esquerda mais moderada. Um sociólogo, outro economista, liam os mesmos livros, pregavam uma idêntica filosofia de luta contra a ditadura, que não passava pela violência. Vanguardistas, dividiam lado a lado os seminários de Ignacy Sachs, no Boulevard Raspail, 54. Ali, na *École des Hautes Études*, de Paris, eram forjados os conceitos do desenvolvimento econômico ecologicamente sustentado, politicamente correto. Quis o destino que eles se transformassem, no mesmo primeiro de janeiro de 1995, nos mais importantes moradores da capital do Brasil. E, hoje, embora em endereços partidários diferentes, Fernando Henrique Cardoso e Cristovam Buarque estão novamente juntos, pelo menos numa missão. Por meio de, simplesmente, do exercício diuturno da prática proibida em seus respectivos governos, conseguiram recuperar parte da imagem da cidade de Brasília, antes exclusivamente associada ao mar de lama e à corrupção.

E não deveria ser assim. Afinal, nós, os quase dois milhões de brasilienses, somos eleitores como qualquer cidadão brasileiro, e não apenas um reflexo condicionado da decisão eleitoral das outras unidades federativas. O CEP do Congresso Nacional efetivamente é 70.165-900, Brasília, DF, mas nós contribuimos apenas com 11 dos seus 594 moradores com mandato - ou, apenas 1,85% do total de parlamentares. E, se não bastasse, o tempo, que é senhor da razão, comprova que, boa parte das vezes, temos tido tino cívico ao votar: Brasília foi uma das três únicas capitais brasileiras a derrotar Fernando Collor nas urnas.

O presidente Fernando Henrique prometeu, em seu discurso de posse, trabalhar para que Brasília alcançasse um status cultural na dimensão de seu papel histórico, de capital da República projetada para consolidar a unidade nacional. Esta é também, e sem dúvida, uma das principais missões do governador do Distrito Federal.

Se muita coisa foi feita, nos

últimos três anos, ainda falta muito.

De um lado, por alguma estranha motivação autofágica, a mídia nacional se comporta como se a capital de todos os brasileiros fosse a lata de lixo da Nação. Toda quinta-feira, o jornalista Renato Machado refaz a pergunta: "E aí, Mônica, Brasília está vazia?"

Quem viaja? Brasília, a referência cívica, sede da parte da história que forjou a moderna democracia brasileira, ou a legislatura eleita? O sr. João Alves foi eleito, por onde? Na grande imprensa de São Paulo, assistimos o repisar da tese da "ilha da fantasia", cunhada

**ninguém melhor que
a renovada imprensa
da cidade para
capitanear campanhas
que devolvam aos
brasilienses a
auto-estima vibrante
do início dos anos 60**

na marginal do Tietê por gente que não esconde lamentar o resultado do conflito de 1932. Um jornalão do Rio, no auge de sua campanha para transferir a sede de órgãos públicos para o litoral, chegou a abrir seu espaço de opinião para um curioso arquiteto discorrer, em 80 engraçadíssimas

linhas, que a proposta urbana de Brasília, organizada por setores de funcionamento da sociedade, favorecia e estava intrinsecamente ligada aos processos de corrupção.

Isto para não falar do denuñcismo profissional. Qual coordenador, ou chefe de sucursal, não se sentiu colocado na condição de suspeito só por tentar derrubar teses as mais escabrosas surgidas nas mesas de editoria de São Paulo e do Rio de Janeiro? Sem contar que, para alguns, não falta a coragem de comprar o peixe do jeito que lhe venderam. Ou será que alguém duvida que paga-se muito mais caro para contestar uma pauta, do que ganhar um dementido cabal no dia seguinte. Nesse jogo, as vítimas contam pouco. E Brasília, a capital dos brasileiros, tem sido uma vítima preferencial.

Noutra ponta, nossos heróis nas áreas da cultura, dos esportes, das artes, quando ganham a mídia nacional parecem perder, por mágica, o gentílico brasiliense. Quanta gente não sabe que Oscar, Tande, Leila, Pipoca, Piquet, Cássia Eller, Zélia Duncan, Patrícia Pillar, Renato Russo, Herbert Viana, Athos Bulcão, e ... Galvão Bueno, o "Guaximim" da Superquadra 107 Sul, têm o barro ver-

melho grudado na alma. As agressões diminuíram, é verdade. Para isso, bastaram três anos de governos probos, a nível local e federal, dos quais pode-se duvidar ideologicamente, dizer qualquer coisa, menos que não tentaram acertar, de maneira cidadã.

Mas, falta muito... Urgem campanhas de conscientização. Na sua versão local, é indispensável trabalhar profundamente a questão da identidade cultural. O que é ser brasiliense? O Departamento de Linguística da UnB (uma das mais importantes universidades brasileiras), em tese de doutorado, responde dizendo que construímos um falar próprio (sotaque) - uma síntese dos falares brasileiros. Como todas as capitais importantes do mundo, esboçamos uma atitude de cidadania cosmopolita. Aqui, os políticos estão nus - não há mitologia que resista ao dia-a-dia, à convivência que revela os defeitos e traz os êxitos para sua exata dimensão. Precisamos de uma campanha que empreste argumentação aos nossos jovens. As férias estão chegando e, mais uma vez, eles ouvirão, no litoral, a piadinha de sempre: "Aí, hein, de Brasília; seu pai tá lá nos 10%, não é???".

A resposta deve ser um "alto lá!". Poucos lugares no Brasil podem respirar ar civilizatório tão revigorante. Cristovam, por exemplo, deu a nossos pedestres tratamento de primeiro mundo. No fundo, temos o maior orgulho de sermos governados por um ex-reitor e de morar bem pertinho de um Presidente que, bem antes de abraçar a política, já era respeitado nos centros acadêmicos mais importantes do planeta.

Em todos os países, as capitais são vistas pelas outras cidades como lugares privilegiados. Essa invejinha natural transforma-se num dos elementos que cultua as pelejas infra-regionais. É normal que seja assim. O **campanhard** enxerga Paris com a mesma desconfiança com que o plantador de milho de Ohio, encara a imagem que Washington reflete à distância. Mas, por lá, opera-se no limite do interesse da nação - não se trabalha para transformar a capital da república numa Geni qualquer.

E ninguém melhor que a maravilhosamente renovada imprensa da cidade, para capitanear campanhas que devolvam aos brasilienses a autoestima vibrante do início dos anos 60 e, no País, o prazer de encher o peito e dizer: Brasil, capital Brasília.